1.º anno — Lisboa, 9 de fevereiro de 1885 — Numero 33

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim, Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

As rijas tempestades atmosphericas dos ultimos dias tendem a acalmar-se.

As tempestades politicas, essas, é que não se acalmaram ainda, e Deus sabe quando a pomba mensageira da paz virá annunciar-nos dias melhores.

As primeiras sumiram-se quasi, envergonhadas, ao primeiro lampejo d'um raio de sol tenuissimo e transitorio, que nos veiu, lá do alto, enxugar o *pardessus* saturado de humidade. Prometteram desapparecer completamente. Mostram-se com ares de quem está disposto a não importunar mais.

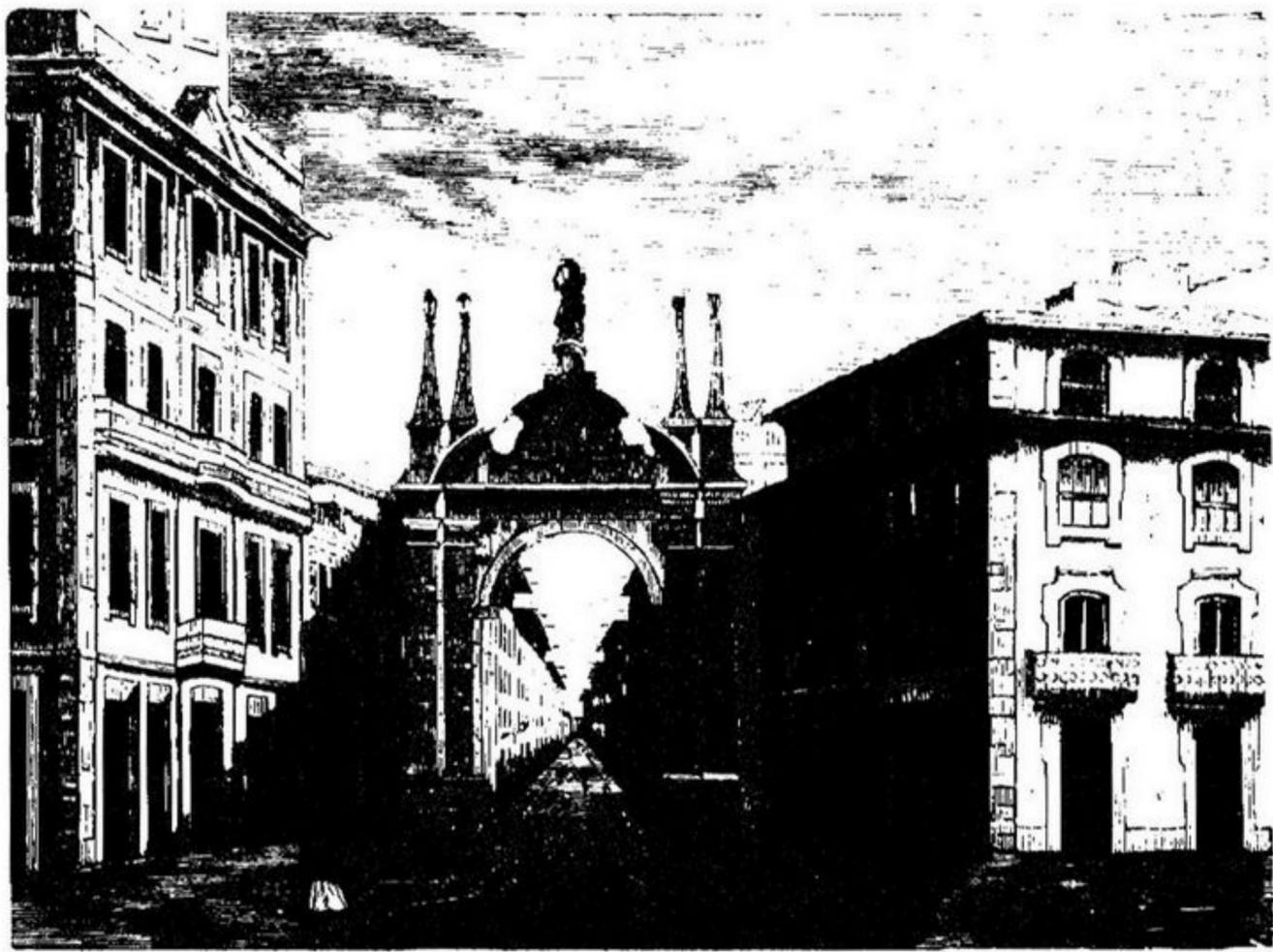
As segundas, as que se geram cá em baixo, no mundo revolto das paixões partidarias, vão seguindo o seu curso desapiedadamente, e recrudescem dia a dia, cada vez mais medonhas e rugidoras.

Hontem, era o cyclone da QUESTÃO POLITICA a apavorar-nos, com uma saraivada de discursos ferozes á mistura. Hoje, é o raio flammejante da CRISE MINISTERIAL a cahir-nos em casa, assombrando o indigena mal refeito ainda do pavor que o primeiro tufão lhe havia causado.

E não passamos d'isto, nem á mão de Deus Padre!

Os primitivos assomos da procella originaram-se d'uma coisa innocente e simples, a mais simples e innocente d'este mundo: —a resposta á falla do throno.

O raio da crise gerou-se com o projecto dos melhoramentos do porto de Lisboa, um projecto inoffensivo e benefico, mas, verdade, verdade, carinho.

Havia, no seio do gabinete, duas nuvens carregadas d'electricidades differentes: uma d'ellas era formada pelos ministros das obras publicas e da justiça: accumulava em si forte dóse de fluido *positivo*: queria que o projecto se discutisse e votasse quanto antes, nas duas camaras.

A outra nuvem era constituida pelo resto dos conselheiros da corôa: tinha em si uma carregação enorme d'electricidade *negativa*: não morria d'amores pela proposta dos melhoramentos, ou não julgava opportuno o ensejo para a discutir e votar desde já

As duas nuvens chocaram-se um bello dia, e a faisca da crise

RUA NOVA DE SOUSA, E PORTA NOVA (BRAGA)

veio, em zigue-zagues, por ahi fóra, de cambolhada com o sr. Antonio Augusto d'Aguiar, um sabio illustre, e com o sr. Lopo Vaz de Sampaio e Mello, um estadista distincto.

Os inimigos da situação, apercebendo-se do facto, começaram desde logo a fazer uma berrata atordoadora.

Que o raio não fora justiceiro, diziam uns.

Que as coisas não se tinham passado assim, e havia ali malefício encoberto, bradavam outros.

Os mais acirrados queriam que a faisca houvesse fulminado o ministerio em pezo.

Os mais incredulos attribuiam o acontecimento a bruxedos encapotados, d'algum feiticeiro incognito.

E attribuem ainda, assim como os outros continuam a pedir o exterminio completo do ministerio.

Tudo isto porque se pensou em melhorar materialmente a capital do reino. Ora vejam!

Francamente, Lisboa não precisa lá muito de melhoramentos materiaes: o que elle necessita é de desinfectantes energicos.

Desinfecte-se a camara, a politica, os costumes, o jornalismo, as consciencias, e ter-se-ha feito uma obra bem mais meritoria que a do projecto do sr. Aguiar, dispendendo-se muito menos de quinze mil contos.

Quando se desencadeiavam mais violentas as tempestades da crise, reunia-se em Lisboa o congresso da União postal internacional, a cuja primeira sessão presidiu o ministro dos negocios estrangeiros, sr. Barbosa du Bocage.

Delegados de todos os paizes fazem d'aquelle congresso magno uma verdadeira Babel. A' força de procurarem entender-se, para refundir as disposições geraes da convenção de Paris, de 1878, creio que ninguem se entende. Aquella confusão de linguas acabará por fazer endoidecer totalmente as summidades do nosso mundo postal, já um tanto doidas com as reclamações do publico sobre assumptos do seu mister.

Em má occasião os benemeritos congressistas estrangeiros vieram bater-nos á porta.

Um anno antes, teriam sahido d'aqui, cantando louvores á nossa boa acolhida, dizendo maravilhas d'este bello jardimsinho da Europa á beira mar plantado, levando n'alma saudades intensas, e nos estomagos a impressão agradavel das boas petisqueiras nacionaes que lhes houveramos offerecido gostosamente.

Mas isto faz uma differença do que era, como o dia da noite. Tudo mudou de portas a dentro, no outrora formosissimo paiz das laurageiras floridas. Nem temos sol, nem temos calor, nem ao menos ha uns restos de dinheiro no bolso, para obsequiar á larga os estrangeiros que nos visitam.

D'esta vez, sahirão de Lisboa sem ter conhecido os dias suavissimos do nosso clima habitual, sem a mais leve noção do modo porque nos recebemos á mesa os hospedes illustres.

A invernia desapiedada revolucionou completamente a nossa athmosphera, e a Hespanha esvaziou, tambem por egual forma, a nossa bolsa.

A brilhante *matinée* musical e litteraria do *Correio da Manhã*, em favor dos desventurados de Granada, foi o *coup de grâce* vibrado nos ultimos ceitis que nos restavam.

Agora, poderemos voltar a bolsa do avesso, sem receio de ver cair no chão a mais insignificante moeda de cobre.

Uma verdadeira *razzia!*

E a proposito de Hespanha, a proposito da corrente de caridade que ainda se alastra pelo nosso paiz, a bem dos andaluzes, lembra-nos que a imprensa registrou, nos ultimos dias, cá por casa, abalos de terra, inundações, desabamentos, sinistros medonhos produzidos pela violencia das cheias e pelo furor dos temporaes.

Se as desgraças cazeiras se avolumam, e se a Andaluzia houver sido contemplada pelas outras nações europeas com soccorros tão avultados como os que sobre as suas ruinas despejou a cornucopia da philantropia lusitana, amanhã teremos de estender a mão á caridade dos andaluzes enriquecidos.

E o peior não é isso. O peior é se elles nos respondem:

—Deus os favoreça, irmãosinhos!

E, francamente, pouco mais tenho para te contar, d'esta vez.

Que se foi a famosa cantora polaca, já tu sabes. Que uma gentil corista de S. Carlos acolheu, ha dias, muito rudemente, os requebros d'um baixo profundo, pode ser que não saibas, mas não t'o digo.

Nos theatros, poucas novidades.

Em D. Maria, as *reprises* do *Maitre de forges,* d'Ohnet, e da comedia *Pattes de mouche,* de Sardou. Dois successos.

Na Trindade, o *Boccacio*, sempre novo e sempre applaudido.

No Gymnasio o *Marido da debutante,* peça de sabor francez muito accentuado, com bons typos comicos e umas coplas da *Nitouche* e da *Femme à Papa*, graciosamente cantadas pela actriz Lucinda do Carmo.

Depois d'esta revelação como cantora de *couplets*, já alguem lhe chamou uma Judic incipiente.

Nós, ha tempo, biographando-a em verso, haviamos-lhe chamado uma risonha miniatura da Manuela Rey.

Praza a Deus que a nossa classificação lhe não houvesse feito mal, e que o novo baptismo de hoje não lhe faça ainda peior.

Eu sei lá!

Estes arrojos de enthusiasmo e de rhetorica desvairam até ao ponto de tornar dispensavel a critica sensata que aconselha, e de morder a mão bemfazeja que acaricia e affaga.

Ha de tudo ahi, pelos theatros de Lisboa.

Não se lembram ellas, as desvairadas, que a famosa Van Zandt foi, durante quatro annos, a estrella predilecta da Opera Comique, o *enfant gâté* de muitos salões parisienses, como o da baroneza de Rothschild, o enlevo da colonia hispano-americana de Paris, e que, n'um momento, deixou de ser tudo isto, cahindo do pedestal a que se erguera, pelo simples facto de haver abusado da... alcoolatura de phosphoro!

C. Dantas.

GARRETT E O SEU TEMPO

VI

«Se convirá escrever a historia da emigração?» Diz o sr. Gomes de Amorim no summario de um dos capitulos do seu livro. «Se o meu triste officio de escriptor, diz elle, me obriga ás vezes, para conseguir o fim que me propuz, a censurar severamente os directores dos negocios da emigração, e a condemnar as intrigas que por pouco iam impedindo a victoria da liberdade, não louvarei jámais que se exponham a toda a luz as vergonhas d'esse tempo.»

Sou completamente de opinião contraria á do sr. Gomes de Amorim. Nem censuro tão severamente como elle o procedimento dos directores da emigração, nem desejo que se não faça com toda a verdade a historia d'esse tempo calamitoso. Mas o que é necessario é que se faça a historia imparcial e justa, o que é necessario é que se não limite o historiador a copiar os pamphletos que se publicavam n'esse tempo e em que desabafavam os emigrados, que, victimas de mil tormentos e de infinitas privações, queriam sempre tornar alguem responsavel pelas suas miserias. O que é necessario é que o historiador se não limite a ser o echo de todas essas apaixonadas verrinas, que espumavam nos labios d'esses infelizes, desvairados pela angustia, exasperados pelos padecimentos. Faça-se a historia em toda a sua verdade, traga-se a plena luz essa epoca, mas não se faça a historia pamphletaria, mas não se acceitem como verdades do Evangelho todas as accusações que appareciam nos folhetos iracundos d'esse tempo. Leia-se tudo, confronte-se tudo, manuseiem-se os documentos authenticos, faça-se um trabalho de critica, e depois d'isso julgue-se. Mas não se tragam para a historia séria e imparcial as paginas ardentes dos pamphletos, as criticas descabelladas, dizendo-se depois: Que vergonhas a d'este tempo! Ha muita infamia verdadeira, mas ha muita honradez calumniada.

Não imagine o sr. Gomes de Amorim que me refiro a elle. O seu livro é um livro cordato e sério. Muito de relance julga a emigração, mas julga-a pelos folhetos que conhece ou pelas historias modernas que não fizeram senão copiar os folhetos, ou pelas recordações pessoaes de alguns sobreviventes d'esse tempo, que não aproveitaram a imprensa senão para se vingarem de velhas injurias ou satisfazerem antigos odios, que fizeram da penna do historiador o estylete das suas represalias.

Mas diga-nos em boa consciencia o sr. Gomes de Amorim: O que diria Garrett se um historiador acceitasse como documento irrefragavel e digno de completa confiança a sua propria *Carta de Mucio Scevola*, pamphleto violento, dictado ao grande poeta pelo seu ardente patriotismo e tambem um pouco pelos seus despeitos pessoaes. «Miseraveis! «exclamou elle defendendo Saldanha, que era o heroe do dia, não pelo seu heroico passado militar, mas por fazer opposição aos governantes, miseraveis! como vos cegou o odio proprio e a pitança alheia; vossos ridiculos esforços produzem o contrario effeito. O homem que Magalhães insultam, *que Palmellas perseguem, basta-lhe o insulto e a perseguição para o purificar na opinião dos bons portuguezes.*»

Assim bastava que um homem fosse perseguido por Palmella, dizia Garrett a 4 de outubro de 1830, para que essa perseguição o purificasse no conceito dos bons portuguezes. N'essa carta de Mucio Scevola, vibrante de indignação e de colera, amarrava Garrett constantemente ao pelourinho o nome de Palmella, d'esse mesmo Palmella, cuja brilhante apotheose elle fazia menos de vinte annos depois, n'aquella magnifica poesia das *Folhas caídas*, que se intitula *No Lumiar*. No conceito dos Portuguezes que amavam a sua patria, a perseguição feita por Palmella a qualquer, era uma honra e uma gloria. E nas *Folhas caídas* escrevia:

Oh! como elle a amava e lhe queria
A esta boa terra portugueza!
. . . .
Velha tinha a razão, tinha a exp'riencia,
Joven só este amor.

Os versos podem não ser bem assim, porque citamos de cór, mas a idéa é a que ahi fica exarada. E o que diria Garrett a quem lhe recordasse o que escrevera na *Carta de Mucio Scevola?* Diria que essas paginas que dicta a paixão do combate são feitas para serem esquecidas no dia seguinte ás da lucta, que revelam ao historiador o estado dos espiritos n'um dado momento, e nada mais, que as affirmações d'essa especie precisam de ser com toda a cautella contra-provadas, e que, emfim, pamphletos não são historia. Pois com pamphletos é que se tem escripto a historia da emigração, com esses pamphletos é que se tem coberto de lama os nomes dos heroes da liberdade, e tanto que os espiritos mais benevolos como o do sr. Gomes de Amorim, limitam-se a aconselhar que se não trazem á luz as vergonhas d'esse tempo!

E o historiador imparcial não apparece! e os homens de hoje, que deviam ser serenos, continuam a fazer opposição aos governos do exilio, como se estivessem soffrendo ainda as miserias de Plymouth, ou experimentando as agruras de Ostende.

Uma das accusações mais repetidas que se fazem aos chefes de emigração é que nadavam na abundancia, emquanto a turba de emigrados que chegava a Inglaterra padecia as mais atrozes privações. Pois era necessario ver bem de que recursos dispunha o marquez de Palmella, para occorrer a tantas despezas como as que pesavam sobre a sua responsabilidade. Recebera do visconde de Itabayana, ministro brazileiro em Londres, pouco mais de duzentas mil libras, importancia da prestação que o Brazil, pelo tratado de paz que firmára a sua independencia, tinha de pagar a Portugal, e que o governo brazileiro mandára que se entregasse ao marquez de Palmella, o unico soberano legitimo que o Brazil reconhecia em Portugal. Mas era muito duvidoso que a opinião publica brazileira consentisse que se désse o mesmo destino ás subsequentes prestações. O Brazil estava extremamente melindroso, receiava sempre que o seu imperador julgasse refazer a antiga união entre os dois paizes, união que aliás fôra o proprio D. Pedro que desfizera. Pronunciava-se por conseguinte a opinião asperamente contra qualquer intervenção do Brazil nos negocios portuguezes. Ora não havia intervenção mais clara e mais patente do que este acto, pelo qual se reconhecia como o unico governo legitimo de Portugal um governo que tinha a sua séde em Londres, e entregar-lhe quantias que realmente só podiam ser depositadas no thesouro portuguez

Os jornaes do Rio de Janeiro atacaram violentamente por esse facto o governo do imperador e mais especialmente ainda o visconde de Itabayana. Não era difficil a um politico experimentado, como era o marquez de Palmella, prevêr a impossibilidade de seguir por muito tempo o Brazil a politica que iniciára e que, portanto, essa prestação de 200.000 libras por mais nenhuma seria seguida.

Com esses recursos relativamente parcos tinha o marquez de Palmella de organisar expedições que fossem sustentar os pronunciamentos liberaes da Madeira e da Terceira, de subsidiar os emigrados, de pagar ao corpo diplomatico portuguez, que em grande parte se pronunciára pela causa liberal, de conquistar adhesões na imprensa e nos circulos influentes do estrangeiro, adhesões que se não conquistam de graça, de dar uma pequena lista civil á infante D. Anna de Jesus, porque um dos elementos de victoria para a causa liberal portugueza era a affirmação bem positiva e bem clara da sua alliança com a monarchia, porque alias não seria bem vista pela liga monarchica europea, e tudo isto tinha de sair da famosa prestação do emprestimo brazileiro, que os emigrados queriam que chegasse para tudo! Quem nega que muitas delapidações, que muitas injustiças se houvessem praticado então? Mas essas infamias que maculam todas as causas, não bastam para que se diga que a historia da emigração é uma historia vergonhosa.

PINHEIRO CHAGAS.

CHRISTO

Morreste! E a cruz ficou a rir da eternidade,
Vendo tombar no pó as gerações sem vida...
Morreste! E a cruz lá 'sta, serena, sempre erguida,
Mostrando ao mundo absorto o azul, a immensidade...

Bem mais feliz tu foste, oh, Christo, oh, Divindade,
Cahindo aos golpes vis da plebe enraivecida,
Mas tendo ao pé de ti a Virgem dolorida
Com quem trocaste o adeus final, uma saudade!

D'uns labios de mulher no rosto ensanguentado
Talvez sentiste ainda o beijo soluçado
Por entre as convulsões do teu cruel soffrer?...

Talvez... talvez! Mas eu nem vivo... Esta agonia
Que augmenta, avulta e cresce... e cresce dia a dia
Ninguem no mundo a vê... Não tenho mãe sequer.

LORJÓ TAVARES.

AS NOSSAS GRAVURAS

RUA NOVA DE SOUSA, E PORTA NOVA (BRAGA)

Data do seculo XV o desenvolvimento da cidade de Braga, que, por iniciativa do seu arcebispo, D. Diogo de Sousa, rompeu as muralhas com que a tinha defendido el-rei D. Diniz, e estendeu as ruas e edificações.

Entre as muitas obras de utilidade e aformoseamento com que a dotou este arcebispo, conta-se a rua Nova de Sousa, mandada abrir por elle no anno 1512.

Corre esta rua de léste a oéste da cidade, entre a rua do Souto, que lhe fica em continuação, e o campo das Hortas, onde termina por um formoso arco, que se acha representado na nossa gravura.

Este arco é obra do seculo passado, e foi mandado construir pelo senado e influencia de D. Gaspar de Bragança, filho reconhecido de D. João V e senhor de Braga.

Por esta rasão está collocado na parte superior do arco, que olha para léste, o brazão de armas d'este principe, achando-se do lado de oéste um nicho em que está uma imagem de Nossa Senhora da Nazareth.

Remata este arco uma estatua allegorica á cidade de Braga.

O arco ou portico que levamos descripto, denomina-se Porta Nova, em consequencia de ter sido construido no logar onde existia uma porta da cidade, mandada fazer pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, quando se abriu a nova rua.

Hoje, a Porta Nova é a primeira da cidade; e por ella dão entrada solemne os arcebispos e principes, quando a visitam, celebrando-se ali a ceremonia da entrega das chaves da cidade pela camara municipal.

A rua Nova de Sousa é uma das principaes de Braga, não só pela sua posição, como pelo muito commercio dos estabelecimentos que ali se acham alojados.

O SEU MELHOR AMIGO

Amára, talvez.

Mas o namorado fôra-lhe infiel: esquecera os seus formosos cabellos pretos por uma loira sensabor, que o fascinou com dois sorrisos estonteadores.

D'ahi, a tristeza impressa n'aquelle bello rosto, onde ha uma suave expressão angelica, que seduz e encanta.

O que ella quer é estar só, alheiada ao bulicio do mundo, onde o seu coração virgem foi ferido em cheio pela maldade dos homens, d'essa raça d'ingratos.

Resta-lhe um amigo dedicado, um só, que lhe comprehende as magoas e que se entristece de a vêr triste:—o cão fiel.

Elle fôra testemunha dos amores da dona; confidente de muitas juras trocadas em tempos mais felizes. Conhece a historia d'aquelle desfeito idyllio, como ninguem, e está talvez a dizer-lhe, na sua mudez eloquente e acariciadora:

—Esquece-o, que os homens não valem uma saudade!

O EPILOGO DA CORRIDA

Estão vendo qual elle foi:—um trambolhão medonho, d'aquelles que não deixam vontade para novas correrias.

E se o estão effectivamente vendo, dispenso-me de lhes dizer como é que elle cahiu, e qual foi o sitio do corpo mais magoado

A VIUVEZ DO OPERARIO

Um quadro encantador e cheio de verdade. Uma scena de familia, como ha muitas por esse mundo, commovedora e triste.

Aquelle honrado operario perdeu a sua companheira estremecida: viu-a tombar exanime na cova humilde do cemiterio.

Ficaram-lhe d'ella as saudades amargas, que não se extinguirão nunca, e tres creancinhas innocentes, a quem hoje serve d'ama secca, elle, o rude trabalhador da forja, tão pouco affeito a embalar berços e a dispensar caricias.

O golpe que o ferira foi profundo. A perda soffrida não podia ser maior.

Ahi está porque elle, todos os dias, á meza, aconchegando ao peito o filho mais pequeno, a quem falta o santo calor materno, sente rolarem-lhe pelas faces trigueiras duas lagrimas quentes como o ferro em braza que malha na officina.

Sympathica dôr aquella!

O SEU MELHOR AMIGO

A VIUVEZ DO OPERARIO

O EPILOGO DA CORRIDA

UM CONCERTO D'AMADORES

Houve-os em todos os tempos, porque a musica não é um producto das sociedades modernas.

Aquelles trages estão denunciando uma epoca longinqua e uma familia coeva dos nossos trisavos, pelo menos.

Mas já então se fazia musica aos serões, pacatamente, sem estardalhaço, de portas a dentro.

E o bello sexo dava o seu contingente, como hoje, cantando chacaras apaixonadas, dedilhando no cravo, ou harpejando na viola franceza.

O sexo forte arranhava na rebecca ou tocava violoncello.

Depois vinha o chá, dançava-se, passava-se uma noite deliciosa.

No fim de contas elles divertiam-se mais do que nós.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

Vou novamente incommodar os leitores intelligentes da *Illustração Portugueza* com explicações inuteis ácerca dos meus problemas, afim de responder a umas cartas dirigidas á redacção d'aquelle semanario por um *quidam*, que se intitula *leitor curioso*, e que não passa d'um pacovio pretenciosissimo, ao qual eu, *confesso*, não devia dedicar dois minutos d'attenção.

Vivo n'um meio bem differente d'aquelle onde existe esse *insignificante*, que pela segunda vez me apoquenta com as suas disparatadas reflexões.

Accedendo a um delicado convite do ex.mo sr. Pedro Corrêa, tenho dado a publico alguns problemas, com o fim unicamente de ser agradavel aquelle distinctissimo cavalheiro.

Fui sempre laconico nas soluções apresentadas, pois nem era proprio tomar grande parte da secção destinada aos problemas com calculos desenvolvidos, nem desejava que alguem suppozesse que eu pretendia fazer propaganda scientifica. Não obstante esta minha opinião, se qualquer a mim se dirigisse delicadamente pedindo-me um esclarecimento, fal-o-hia da melhor vontade.

E', porem, esta a segunda vez que me acho em conflicto com uns ignorantões, que, nada sabendo, julgam os outros por si, e que nem ao menos teem a delicadeza sufficiente para pedirem explicações em termos habeis e convenientes.

Ainda lhes presto por ultima vez uns minutos d'attenção, respondendo ao tal curioso, e restando-me a gloria de cumprir uma obra de misericordia, tal é a *de ensinar os ignorantes*.

Queixa-se o auctor das referidas cartas de eu ter deixado passar um erro no problema do n.º 23.

Devia saber quão facil é commetter-se um erro na composição, e passar despercebido nas provas.

Nota que só um mez depois o emendei.

E' claro que só o podia fazer quando para elle chamaram a minha attenção.

Diz que faltam duas soluções ao problema do n.º 25. Tem graça a observação! Tambem queria que mencionasse os encontros em A? Esses são, por sua natureza, evidentes.

Em relação ao problema do n.º 3, diz que um outro individuo se queixou d'elle, em julho passado, no jornal o *Imparcial*, de Coimbra.

Pelo que vejo, o tal articulista é da mesma força que o do anonymo a quem me dirijo.

Ensinemos pois estes *dois sabios*.

Supponhamos que um dos maridos comprou x objectos, e que a sua mulher comprou y. O marido gastou x^2 tostões, e a mulher y^2.

Logo $x^2-y^2=63$ ou $(x+y)(x-y)=63$ e portanto

$$\begin{array}{lll} x+y=7 & x+y=21 & x+y=63 \\ x-y=9 & x-y=3 & x-y=1 \end{array}$$

Resolvendo estes *difficeis* systemas, tem-se

$$\begin{array}{lll} x=8 & x=12 & x=32 \\ y=1 & y=9 & y=31 \end{array}$$

Eis os unicos valores de x e y que conveem ao problema.
Por ser 32—9=23 e 12—1=11 segue-se que:

Pedro	comprou...........	32	objectos
Martha	»	9	»
Paulo	»	12	»
Catharina	»	1	»

e por exclusão de partes, conclue-se que:

André	**comprou...........**	**8**	**objectos**
Suzanna	**» ....**	**31**	**»**

Logo André é marido de Catharina; Paulo é marido de Martha e Pedro de Suzanna. E' caso para se dizer: *Eureka, eureka!*

Finalmente diz que está errada a solução do problema do n.º 29, como o affirma pessoa competente.

E' feliz o tal curioso, pois conhece uma cohorte de sabios como difficilmente se encontra.

Decifremos o enygma.

Dez pessoas, collocadas n'uma mesa de jantar, de fórma qualquer, e na qual não cabem mais, ficam necessariamente em volta da mesa.

Collocadas em linha recta podem ficar de $1\times2\times3\times4\times5\times6\times7\times8\times9\times10$ maneiras differentes, como facilmente se comprehende: e collocadas á roda d'uma mesa, aquelle numero torna-se 10 vezes menor, por que a cada disposição circular correspondem 10 posições differentes em linha recta.

Os 10 convivas podem pois ficar dispostos de $1\times2\times3\times4\times5\times6\times7\times8\times9$ maneiras differentes.

Consideremos agora só 8 pessoas.

Estas, pelo mesmo motivo, podem collocar-se em roda da mesa de $1\times2\times3\times4\times5\times6\times7$ maneiras differentes. São 8 os intervallos existentes entre duas pessoas consecutivas; e é n'estes intervallos que devem ficar as duas pessoas que desejam ficar juntas; e como ellas podem ficar, uma em relação á outra, de dois modos diversos, segue-se que $1\times2\times3\times4\times5\times6\times7\times8\times2$ representa o numero de disposições que lhes são favoraveis.

A probabilidade é pois

$$\frac{1\times2\times3\times4\times5\times6\times7\times8\times2}{1\times2\times3\times4\times5\times6\times7\times8\times9}=\frac{2}{9}$$

como se disse no numero 30.

Ficará assim satisfeito?

Parece que estou a ver o meu *distincto* adversario, todo afflicto, a ver se procura no diccionario francez a significação da palavra *casse-tête*, que por engano, no problema do numero 31, vem em vez de *casse-tête*.

Para não roubar inutilmente mais espaço n'esta secção, concluirei aconselhando o tal *leitor curioso* a que va fazer poesia para as margens do Mondego, e se deixe de mathematicas, das quaes nada é capaz de comprehender, a julgar pelas suas insensatas reflexões.

MORAES D'ALMEIDA.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Na musica este appellido é appellido—1—2.

Aqui come-se esta ave—1—1.

PHARAÓ, COLLADO E JUVES.

EM VERSO

(A M. Côco)

Pr'a investir ou defender,
Me ha de empregar alguem.—2
Mas p'lo mal que a muitos causo,
Não me deseja ninguem.—1

Procura meu todo
No templo sagrado.
Pois quando alguem morre,
Lá sou empregado.

Mathosinhos. SARAMACOCO.

EM QUADRO

(Por syllabas)

— — — Este prestante animal
— — — Não transpõe este resguardo
— — — Por ser muito pantanoso

MANACIO.

ADIVINHAS POPULARES

Digo tudo feito em partes.
Todo junto nada digo.
Sou no mundo muito antigo;
E ensino aos homens as artes,
Quando se criam commigo.

Mui poucos me acham no mar.
Poetas ser me tem dado.
Sou nas hortas transplantado,
E difficil de encontrar
Andando a todos pegado.

J. O. E ARAUJO.

PERGUNTAS ELECTRICAS

Qual é a palavra que ás direitas e ás avéssas é pronome?—2

Qual é o verbo que ás direitas e ás avéssas contenta a gente?—1

Qual é a palavra que ás direitas e ás avéssas é adjectivo?—2

J. DIAS VELLOSO.

LOGOGRIPHOS

E' um signal, afianço,—6—2—3—4—5
Sobre a meza deve estar—1—6—2—4—5
A franquear-nos a passagem,—1—5—6—4—2
Este marisco vulgar—5—3—4—6—2

Exerceu este mister
Um Papa bem conhecido.
A's vezes é profissão,
E outras é appellido.

MATHEUS JUNIOR.

Animal—1—5—4—5
Animal—2—5—4—3

Metal

FANTOCHE.

PROBLEMA

Qual é o numero que, multiplicado por 45, dá um producto formado de algarismos todos eguaes a 5?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

Das CHARADAS:—Loanda—Fatia—Regalo—Rosario—Pancada
—R o s a l i n a
o p i p a r o
s i n e t a
a p e i a
l a t a
i r a
n o
a
Madreperola.
Do LOGOGRIPHO:—Pegamasso.
Do PROBLEMA:—E' o numero 721.

A RIR

Executava-se o ***Miserere*** de Lulli na capella de Luiz XVI. O rei conservou-se ajoelhado durante toda a ceremonia religiosa, obrigando as pessoas da côrte a fazerem outro tanto.
Quando terminou a solemnidade, o rei de França aproximou-se do conde de Grammont, e perguntou-lhe:
—Como achastes a musica?
—Para os ouvidos, deliciosa; para os joelhos, detestavel, meu senhor!

*

Dizia um critico:
—Até que ponto chega a vaidade das mulheres! Conheço uma que casou com um preto, só por lhe dizerem que a côr preta lhe ficava muito bem!

*

Sobre o gelo:
—Quer patinar commigo?
—Quero, mas com a condição de que ha de estar calado.
—Porque, minha senhora?
—O senhor tem uma conversação tão pezada, que pode quebrar o gelo.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

O uso habitual dos perfumes embota a sensibilidade do cheiro e actua sobre os nervos das pessoas irritaveis.
Verdadeiros ataques de nervos, cujas causas passam despercebidas, são devidos ao emprego ordinario de perfumes muito violentos.

O ambar e o almiscar teem uma influencia incontestavel sobre o systema nervoso; e os orientaes usam habitualmente das suas propriedades excitantes.

O MYSTERIO

(TEODORO BANVILLE)

I

Sergio de Geneste e o seu intimo amigo, o moço official de marinha Feliciano de Masseret, demoraram-se assentados á meza, onde tinham jantado, e ambos, pensativos e tristes, pareciam entregues a profundas meditações.
—Sim, disse Sergio, has de saber tudo: ah! Feliciano, porque não serás tu meu irmão? Durante um anno, viajaste no Extremo Oriente e esse tempo bastou para encher a minha vida e para a despedaçar, para fazer de mim o infeliz que conheces. Não ignoras a espantosa catastrophe, mas desejo contar-te minuciosamente tudo o que a precedeu.
A condessa de Brianne fallara-me muitas vezes de Christina de Lozie: referira-me o seu casamento com um medonho velho, que lhe fora imposto pela familia, descrevendo-me, ao mesmo tempo, as terriveis angustias que se seguiram, que ameaçaram a existencia de Christina, e, por ultimo, a sua inexplicavel e subita resignação.
O sr. de Lozie arrastava com difficuldade o pezo dos annos e dos achaques; affirmava-se mesmo que a união entre os dois esposos não chegara a consummar-se. Esse boato tornou-se para mim um facto evidente, logo que vi pela primeira vez Christina em casa da condessa. Nenhum rosto era mais virginal do que o seu, nenhuma outra voz era mais pura, e no seu celeste olhar transparecia a candida ignorancia da donzella. Adorei-a desde o primeiro instante, adoro-a sempre, e quando me lembro do seu canto inspirado, quando contemplo nas minhas recordações as suas bellas mãos pousadas na harpa, tenho a consciencia de haver gosado os inebriantes jubilos do paraizo.
Uma virgem ignorante, suave, casta e angelica, tal era a sr.ª de Lozie; mas logo desde o principio das nossas relações, notei as desigualdades do caracter de Christina, que se mostrava ás vezes sob um aspecto extravagante, transfigurada, parecendo absolutamente outra pessoa; a sr.ª de Brianne, sua intima amiga, não sabia a origem d'essas estranhas metamorphoses. Muitas vezes, abandonando a sua attitude graciosamente infantil, a sr.ª de Lozie assumia uma expressão irritada e provocante; o seu olhar inflammava-se, a sua voz, odinariamente tão meiga, tornava-se implacavel, dura, ironica, epigrammatica.
Seriam symptomas de uma affecção nervosa? Que me importava? Não me detinha n'essas investigações, não queria saber, preferia ignorar tudo que de qualquer maneira diminuisse as perfeições da irreprehensivel bem amada.

II

Não tardou o dia em que a sr.ª de Lozie me recebeu em sua casa; confessei-lhe o meu amor e tive a ineffavel ventura de o saber partilhado; ella disse-m'o sem hesitação, e afigurou-se-me que subia ao céo coroado de brancas flores de luz.
Como deves comprehender, a possibilidade de possuir Christina sem ser seu marido, parecia-me um odioso sacrilegio; o meu unico desejo resumia-se em fazer d'ella minha esposa; mas, ao encetar este assumpto, vi a sr.ª de Lozie tal qual me era tão doloroso vel-a: odienta, má, fallando com voz rouca, sacudida de estranha colera.
—Não, não, disse ella, não me torne a fallar em similhante cousa, horroriso-me só de ouvil-o! Saiba que é impossivel o que me propõe.
De que proviria uma tal repugnancia? Teria sido Christina tão infeliz com o seu primeiro marido, que nem podia admittir a possibilidade de uma segunda união? Era evidente que ella me amava, dedicava-me toda a sua existencia, mostrando-se feliz quando eu estava ao seu lado; e que horas deliciosas nós passámos juntos, unidos, como que identificados, confundindo palavras e pensamentos, e outras vezes gosando ambos os ideais extasis da musica!... Se eu apertava as suas queridas mãos, se lhe beijava o cabello, ella abandonava-se nos meus braços, pura e inexperiente como uma virgem. O meu respeito, porém, era igual ao meu amor.
Não raro, Christina ajoelhava, pacifica, acariciadora, affectuosa, erguendo para mim as suas claras pupillas, e eu sentia-me como que arrebatado da terra.
Mas de repente, algumas horas depois d'esses momentos ineffaveis, a sr.ª de Lozie revestia-se de um aspecto caprichoso e feroz. Despedaçava tudo que lhe caia nas mãos; a menor contrariedade enfurecia-a; uma simples palavra suggeria-lhe um desejo insensato de contradizer.

Os seus accessos de colera degenerariam de certo em violentas crises, se Christina não tivesse junto de si duas creadas dedicadas, que conheciam o segredo de acalmal-a.

Uma era a sua creada de quarto, Ursula: a outra, uma mulata, chamava-se Aménaïde.

Aménaïde, creara Christina, os pais da sr.ª de Lozie tinham-a trazido da Guadeloupe.

Sempre que Christina soffria uma d'essas terriveis crises, a velha mulata dava-lhe a respirar um frasco de oiro, cujo aroma a tranquillisava de prompto. Um dia, no auge da crise, a sr.ª de Lozie disparou um tiro de revolver contra um delicioso grupo de Clodion: a bala roçou a mão de Ursula, arrancando-lhe um pedaço da manga, e Christina desatou a rir ás gargalhadas.

UM CONCERTO D'AMADORES

III

—Ah! meu amigo, recordo-me do ultimo dia em que vi Christina, e em que ella me appareceu meiga, suave, adoravel na sua graça infantil.

Um negocio urgente exigia a minha presença na provincia: fui dizer-lhe adeus; ella, torturada por um presentimento, supplicou-me que a não deixasse.

Porque não ouvi eu a sua querida e tremula voz? No dia immediato, achava-me em um café, em Marselha, quando um jornal me levou a fulminadora noticia.

Em pleno Paris, no Bosque, a sr.ª de Lozie apparecera, como que arrebatada em uma vertigem de demencia e de horror. Como ella costumava montar cavallos fogosos, o facto não surprehendeu á primeira vista; não tardou, porém, que o cavallo tomasse o freio nos dentes, desapparecendo em um turbilhão e indo afinal esbarrar de encontro ao tronco de uma arvore, onde a infeliz esmigalhou o craneo.

Parti logo para Paris, e cheguei ainda a tempo de poder vel-a, de poder beijar-lhe a fronte ensanguentada; desde então a minha alma ficou despedaçada e morta.

IV

Uma noute, Sergio de Geneste entrou em uma loja do boulevard dos Italianos, para ahi comprar um par de luvas; não tardou que reconhecesse na luveira a antiga creada de quarto da sr.ª de Lozie.

—Ah! exclamou a rapariga, como o sr. está transtornado! Agora comprehendo quanto o sr. amava a minha querida ama!

—Ursula, disse o sr. de Geneste, póde fazer-me um favor? quer ceder-me algum objecto que tenha pertencido á sr.ª de Lozie? a posse d'esse objecto será um balsamo para a minha pungente dôr.

—Sim sr., volveu Ursula, minha ama era muito generosa. Possuo um sem numero de objectos do seu uso e tencionava offerecel-os ao sr. de Geneste: esperava, porém, que o tempo suavisasse a sua dôr, espectativa irrealisavel, reconheço-o agora. Amanhã entregar-lhe-hei essas queridas e tristes reliquias.

V

Foi para Sergio uma intensa e cruel alegria a de receber em casa Ursula, e ouvil-a fallar da sr.ª de Lozie durante longas horas.

De subito, uma interrogação acudiu-lhe aos labios: Sergio de Geneste perguntou á luveira se ella conhecia a origem das extraordinarias desigualdades de caracter da sr.ª de Lozie, que outr'ora o maguavam tanto.

—Desejava, volveu Ursula, guardar esse segredo até ao meu ultimo suspiro; mas visto que o sr. amou a sr.ª de Lozie, e que ha de sempre amal-a, é preferivel que saiba a verdade.

Quando a menina Christina, pura e innocente como um anjo, desposou o sr. de Lozie, foi tal o seu horror e a sua invencivel repugnancia, que adoeceu gravemente. N'essa occasião, a velha mulata que o sr. conheceu, ministrou-lhe um remedio terrivel, obtendo assim que a menina se resignasse e esquecesse os seus desgostos.

O filho de Aménaide tinha sido amante de uma rapariga de côr. Um moço, empregado na roça, e seu rival, matou-o com um tiro de carabina: a pobre serva não obteve nem vingança nem justiça.

A bordo do navio que a conduziu á França, juntamente com os pais da sua menina, a mulata embriagava-se, bebendo continuamente aguardente. A aguardente sorria-lhe como o balsamo de todas as dores. Essa bebida de fogo parecia-lhe o unico philtro susceptivel de adormentar um desespero irremediavel.

Quando a mulata viu a menina Christina prostrada pelo excesso do soffrimento, chamando em seu auxilio a morte, applicou-lhe o mesmo remedio que applicara a si propria.

Não ignoro que o amor do sr. de Geneste deveria ter salvo minha ama: mas era tarde, o habito havia muito que se inveterara: ella tinha o veneno nas veias!

—E' possivel! exclamou Sergio estupefacto, pois a sr.ª de Lozie...

—Sim, affirmou Ursula, baixando os olhos e córando:—A sr.ª BEBIA!

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA